

# OS ECOS DE MEMÓRIA NO POEMA LEGADO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o poema “Legado”, de Carlos Drummond de Andrade, o qual encontra-se no livro *Claro Enigma* (1951), obra que dá início a uma nova fase da poética drummondiana, sobretudo por repensar seus rumos literários. Tal texto é analisado, nesta produção, a partir de um percurso crítico-literário que visa um olhar sob a memória, trilhando caminhos junto aos contributos de Walter Benjamin (1987). Além disso, há, também, a reflexão acerca do uso dos recursos da linguagem, caminhando pelos elementos melopaicos e formais constituintes de sentidos que deságuam na temática em questão. Nesse sentido, “Legado” configura-se como um texto literário dialógico e múltiplo, pensando na multiplicidade enquanto proposta de Italo Calvino (1990), por evocar referências outras, tanto intra-autorais quanto extra-autorais, assim, fazendo ressoar diferentes vozes em um mesmo poema. Desse modo, percorrendo o modernismo brasileiro, os contributos de Drummond durante o movimento estético e a permanência dos escritos do poeta como grande referencial para seus contemporâneos, este ensaio encontra alicerce nas voltas ao passado realizadas pelo autor. Entre os ecos de memória, o estudo destaca que a rememoração e a experimentação são essenciais para a construção do poema e do autor enquanto grande nome da literatura brasileira.

**Palavras-chave:** Legado. Memória. *Claro Enigma*. Carlos Drummond de Andrade.

Sophia Maciel da Silva Barros<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0574-7748>

# THE ECHOES OF MEMORY IN THE POEM LEGACY OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

**Abstract:** The present work aims to analyze the poem “Legado”, by Carlos Drummond de Andrade, which is found in the book *Claro Enigma* (1951), a work that begins a new phase of Drummond's poetics, especially by rethinking its literary directions. This text is analyzed, in this production, from a critical-literary path that aims to look at memory, following paths alongside the contributions of Walter Benjamin (1987). In addition, there is also reflection on the use of language resources, walking through the melopaic and formal elements that constitute meanings that lead to the theme in question. In this sense, “Legado” is configured as a dialogical and multiple literary text, thinking about multiplicity as a proposal by Italo Calvino (1990), by evoking other references, both intra-authorial and extra-authorial, thus making different voices resonate in the same poem. Thus, exploring Brazilian modernism, Drummond's contributions during the aesthetic movement and the permanence of the poet's writings as a great reference for his contemporaries, this essay finds its foundation in the author's return to the past. Among the echoes of memory, the study highlights that remembrance and experimentation are essential for the construction of the poem and the author as a great name in Brazilian literature.

**Keywords:** Legacy. Memory. *Claro Enigma*. Carlos Drummond de Andrade.

## 1. INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por intensa produção artística e literária, tendo o modernismo brasileiro como um de seus principais marcos estéticos. As décadas de 1930 e 1940 consolidaram autores e obras que passaram a ocupar lugar central na literatura brasileira, influenciando significativamente a produção literária contemporânea. Entre esses autores, destaca-se Carlos Drummond de Andrade, cuja obra permanece como referência para os estudos literários e para a poesia brasileira moderna. Assim, a produção drummondiana caracteriza-se pela diversidade formal e temática, articulando experimentação estética, reflexão existencial e construção metapoética, elementos que atravessam diferentes momentos de sua trajetória literária.

O poeta, cronista e contista possui uma obra vasta e com temáticas diversas, além de também desenvolver muita poesia experimental, indo dos versos livres aos versos de métrica regular, além disso, há a observação de cada tema a partir de uma perspectiva distinta. Embora a obra de Carlos Drummond de Andrade apresente significativa diversidade temática e formal, é possível perceber a recorrência de uma reflexão acerca da relação entre poesia, sujeito e mundo. Tal aspecto evidencia-se na constante problematização do lugar da experiência poética diante da realidade moderna, movimento que atravessa diferentes momentos da produção drummondiana.

Nesse sentido, José Miguel Wisnik, no ensaio *Drummond e o mundo*, afirma que “a poesia de Drummond é a poesia de um tempo em que pensar o mundo é pensar expressamente, e cada vez mais, o (não) lugar da poesia no mundo”. A afirmação do crítico evidencia o caráter reflexivo da poesia drummondiana, marcada pela constante tensão entre sujeito, mundo e linguagem. Em *Claro Enigma* (1951), essa perspectiva torna-se ainda mais evidente, sobretudo pela presença de poemas marcados pela reflexão acerca do tempo, da memória e da permanência da poesia. Em “Legado”, por exemplo, o sujeito lírico questiona aquilo que permanecerá após sua passagem pelo mundo, transformando a experiência individual em matéria poética e fazendo da memória um elemento central para a construção do poema.

Ao refletir sobre a relação entre o mundo e a poesia na obra de Carlos Drummond de Andrade, é possível perceber como a escrita drummondiana é atravessada por experiências históricas, existenciais e cotidianas, aquilo que José Miguel Wisnik denomina “feixes mundanos”, isto é, elementos da realidade que atravessam a poesia e fazem com que o sujeito poético estabeleça constante diálogo com o tempo, a

experiência e o mundo à sua volta. Em *Claro Enigma*, o poeta reorganiza caminhos anteriormente percorridos e constrói uma poesia mais reflexiva, marcada pela retomada da memória, pela revisão de sua própria trajetória poética e pela problematização da permanência da experiência e da palavra literária.

Nesse contexto, destaca-se o poema “Legado”, cuja construção poética articula memória e reflexão metapoética ao visitar o passado e questionar aquilo que permanece após a passagem do sujeito pelo mundo. Assim, tendo como eixo norteador a memória — entendida, a partir das reflexões de Walter Benjamin, como movimento de rememoração e reelaboração da experiência — e a revisão da própria trajetória poética, este estudo propõe uma análise crítico-literária do poema, observando como seus recursos formais, sonoros e imagéticos contribuem para a construção de sentidos ligados ao tempo, à experiência e ao legado poético.

## 2. NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM POEMA

Como já mencionado, “Legado” é um poema que integra o livro *Claro Enigma*, publicado em 1951, momento em que Carlos Drummond de Andrade reformula seu percurso poético, afastando-se de uma poesia mais diretamente vinculada às questões políticas e sociais presentes em obras anteriores. Em livros como *Alguma Poesia* (1930), escritos em um contexto marcado pelas tensões da modernização brasileira, pela crise do entreguerras e pelas transformações políticas e ideológicas das décadas de 1930 e 1940, o poeta frequentemente refletia sobre desigualdades sociais, inquietações coletivas e a condição do sujeito diante do mundo moderno. O poema apresenta um movimento metapoético voltado à reflexão sobre o próprio legado literário, sobretudo por tematizar o próprio fazer poético e o legado literário do autor e por manejar formas mais clássicas, como sua estrutura em soneto e seu rigor gramatical mais afino, com um toque de ironia e revisão, o que se destaca mais ainda no texto e mostra a engenhosidade do poeta. Como analisa-se no poema a seguir:

Que lembrança darei ao país que me deu  
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?  
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu  
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?  
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.

Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,  
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,  
uma voz matinal palpitando na bruma  
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso  
na vida, restará, pois o resto se esfuma,  
uma pedra que havia em meio do caminho.  
(Andrade, 1951)

O poema é um soneto, ou seja, possui dois quartetos e dois tercetos, totalizando catorze versos. Tal estrutura literária foi criada pelo italiano Petrarca, logo, rememora-se ser uma forma clássica. Além disso, os versos são todos alexandrinos, compostos por doze sílabas poéticas, como vê-se na escansão realizada com o primeiro verso da última estrofe: “De/ tu/ do/ quan/ to/ foi/ meu/ pa/ssô/ ca/ pri/cho”, finalizando na última sílaba tônica. O uso de tais recursos demonstram, também, o sentimento de memória resgatado no poema e na poética de Drummond como um todo, pois é uma temática recorrente em seus escritos.

Diante disso, pode-se pensar, também, que Drummond tenha utilizado de tais formas mais clássicas além de uma maneira de rememoração, mas também crítica, uma vez que a escolha do soneto alexandrino, forma tradicionalmente associada à ordem e à regularidade, convive, no poema, com uma temática marcado pela dúvida e pela opacidade, instaurando uma tensão que já evidencia uma lógica de multiplicidade: tradição formal e crise moderna coexistem sem se anularem.

Quanto aos recursos melopáicos presentes no poema, é possível perceber o esquema de rimas em ABAB, alternadas entre os quatro versos dos quartetos e entre os seis versos que constituem os dois tercetos. Nesse sentido, analisa-se que as rimas são realizadas entre palavras de mesmas classes gramaticais, como na primeira estrofe: “Que lembrança darei ao país que me **deu**/ tudo que lembro e sei, tudo quanto **senti**?/ Na noite do sem-fim, breve o tempo **esqueceu**/ minha incerta medalha, e a meu nome se **ri**.”, em que os verbos finais dos versos rimam, “deu’ e “esqueceu”, “senti” e “ri”. Entretanto, há apenas um caso de rima rica, uma combinação rímica entre vocábulos de classes gramaticais diferentes, isto acontece com os segundos versos dos tercetos, em que “bruma” está no esquema rímico com “esfuma”, neste caso, um substantivo e um verbo, respectivamente.

Além disso, ainda é possível notar repetições que constroem, a partir dos recursos sonoros e semânticos, sentidos para o poema, como na repetição da palavra “tudo”, na primeira estrofe, o morfema “lemb” que abarca as palavras “lembança” e “lembro”. Ainda vale ressaltar que, sendo um poema na primeira pessoa, há a constante presença do “eu”, dos pronomes possessivos e de verbos conjugados na primeira pessoa do singular. Essa recorrente retomada e lembrança de que o poema fala da relação “eu” e mundo é de extrema importância para a imersão na poética de Carlos Drummond de Andrade, tal conflito é estruturante e circula suas obras das mais distintas formas, nesse caso, entre o poeta, sua obra e o mundo, ou ainda, a maneira como o mundo, seja a crítica literária ou os leitores como um todo, a recebe.

### 3. NO CAMINHO DA MEMÓRIA FEZ-SE O POEMA

Sabe-se que a memória constitui uma temática recorrente na obra de Carlos Drummond de Andrade, aspecto perceptível no poema “Memória”, no qual o eu lírico reflete sobre a permanência afetiva daquilo que foi perdido. Já nos versos iniciais — “Amar o perdido/ deixa confundido/ este coração” —, evidencia-se um sujeito marcado pela tensão entre ausência e permanência, revelando a tentativa de preservar, por meio da lembrança, aquilo que já não pode ser recuperado materialmente. Tal conflito intensifica-se quando o poema afirma que “Nada pode o olvido” contra o “apelo do Não”, sugerindo que a memória resiste ao apagamento mesmo diante da impossibilidade de retorno ao passado.

Essa perspectiva aproxima-se da reflexão desenvolvida em “Legado”, poema em que Drummond desloca o eixo da memória afetiva para uma memória vinculada à permanência — ou ao possível apagamento — de sua própria trajetória literária. Em ambos os poemas, percebe-se a inquietação diante daquilo que permanece após a passagem do tempo: em “Memória”, sobrevivem as experiências afetivas ressignificadas pela lembrança; em “Legado”, questiona-se aquilo que poderá sobreviver do próprio fazer poético. Assim, quando o poema afirma que “as coisas findas,/ muito mais que lindas,/ essas ficarão”, antecipa-se uma reflexão central também em “Legado”: a tentativa de compreender quais vestígios resistem ao esquecimento e permanecem inscritos na memória.”

Tal pulso de memória é discutido teoricamente por Walter Benjamin em *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1987). Ao refletir sobre a figura do

narrador tradicional, Benjamin argumenta que a experiência compartilhada constitui um elemento essencial para a construção da narrativa, uma vez que narrar implica transmitir vivências capazes de permanecer na memória coletiva. Nesse sentido, o autor distingue a experiência profunda (*Erfahrung*) da informação imediata e efêmera característica da modernidade, defendendo que o excesso informacional e o ritmo acelerado da vida moderna enfraquecem a capacidade humana de elaborar experiências significativas e de transformá-las em memória narrável.

Embora Walter Benjamin desenvolva sua reflexão a partir da narrativa, suas considerações acerca da memória e da experiência também permitem pensar a linguagem poética presente em “Legado”, de Carlos Drummond de Andrade. Assim, ainda que “Legado” não se configure como uma narração propriamente dita devido ao seu gênero, o poema articula uma reflexão semelhante ao questionar aquilo que permanecerá após a passagem do tempo, sobretudo no que diz respeito à própria trajetória literária do poeta. Dessa forma, a memória, em “Legado”, não aparece apenas como recordação individual, mas como tentativa de permanência por meio da escrita, transformando a poesia em espaço de elaboração da experiência e de resistência ao apagamento. Isto é, a inquietação do sujeito poético diante daquilo que poderá sobreviver de sua obra aproxima-se da reflexão benjaminiana no que tange à necessidade de preservar experiências e rastros humanos diante da transitoriedade do tempo.

Nesse sentido, pensar a memória enquanto elemento constituinte de “Legado” revela-se fundamental, aspecto já sugerido pelo próprio título do poema, que remete à ideia de herança e permanência. Retomando Walter Benjamin, a experiência configura-se como elemento central para a elaboração da linguagem e para a transmissão humana. Em *Claro Enigma*, publicado em 1951, Carlos Drummond de Andrade escreve a partir de uma trajetória literária já amadurecida, atravessada pelas inquietações políticas e sociais presentes em sua produção anterior, pelas tensões históricas das décadas de 1930 e 1940, pelo impacto da Segunda Guerra Mundial e pelo sentimento de desencanto diante da modernidade e das promessas coletivas.

Além disso, o poeta já havia consolidado uma vasta produção poética, o que favorece, em “Legado”, um movimento de revisão crítica de sua própria obra e de questionamento acerca daquilo que permanecerá após sua passagem. Assim, a experiência histórica, existencial e literária acumulada por Drummond atravessa o poema e transforma a escrita em uma reflexão sobre memória, permanência e

apagamento. Sob esse viés, Benjamin cita Valéry, presente na epígrafe do livro do escritor modernista, com “Os acontecimentos causam-me tédio”, ao falar da abreviação, da efemeridade e da rapidez exigida e construída no mundo moderno ao passo que a indústria tem interferência direta e decisiva.

Ainda nos passos da memória, é possível perceber como a temática se torna tão frequente na literatura, sobretudo na poesia. Por vezes, pode-se pensar que a memória só se relaciona com o passado, mas, na verdade, ela é inteiramente presente e futura por reverberar nesses outros dois momentos, bem como nos traz T.S. Eliot no primeiro quarteto dos *Quatro Quartetos (Burnt Norton)*:

I

O tempo presente e o tempo passado  
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro  
E o tempo futuro contido no tempo passado.  
Se todo tempo é eternamente presente  
    Todo tempo é irredimível.  
O que poderia ter sido é uma abstração  
Que permanece, perpétua possibilidade,  
    Num mundo apenas de especulação.  
O que poderia ter sido e o que foi  
Convergem para um só fim, que é sempre presente.  
    Ecoam passos na memória  
Ao longo das galerias que não percorremos  
    Em direção à porta que jamais abrimos  
Para o roseiral. Assim ecoam minhas palavras  
    Em tua lembrança.  
    (Eliot, 2004)

Sendo assim, verifica-se que o poema acima se apresenta quase como um aporte teórico para “Legado”, uma vez que aponta o presente como o único fim, o que é, possivelmente, versado em “Legado”, pois se pensa a reunião de todos os tempos, a fusão de passado, presente e futuro. Logo, a indissociabilidade dos três momentos se torna matéria de poesia, seja criando ou recriando, inclusive, pensa-se o prefixo “re” em alusão à multiplicidade já trilhada neste ensaio ao pensar nas várias ressonâncias que envolvem o poema, que é fruto de muitos outros trabalhos, de muitas outras andanças e até encontros inesperados no meio do caminho.

“Legado” vai do individual ao coletivo, do sentido, do construído, do lembrado. A primeira estrofe inicia com um questionamento, então, nota-se, diálogo e continuidade no poema, no momento em que o eu-lírico indaga, talvez numa atividade reflexiva, sobre aquilo que será deixado por ele ao país. Ao mencionar, no terceiro e no quarto versos, a ideia da brevidade, do tempo, da medalha e do nome, pode-se relacionar com a efemeridade, a passagem da vida diante da impossibilidade de uma celebração, de uma perfeição, que seria sua obra, pois a “medalha” é incerteza. Assim, pode-se pensar em como a visão do eu-lírico institui uma falta de esperança, regado do “taciturno”, não em um movimento de celebração da poética, mas sim de dúvida com um movimento de desencanto reflexivo, como nota-se no primeiro verso da segunda estrofe: E mereço esperar mais do que os outros, eu?”.

Ao tematizar aquilo que deixará como herança, o eu lírico não menciona bens materiais ou conquistas objetivas, mas a própria palavra poética. Nesse sentido, “Legado” transforma questões como memória, morte e permanência em matéria de elaboração estética e reflexiva. Assim, o poema constrói tais inquietações não por meio de uma argumentação linear, mas pela condensação imagética, pela ironia e pelo movimento meditativo do eu lírico. Tal perspectiva aproxima-se, inclusive, de reflexões desenvolvidas por Walter Benjamin, cuja escrita filosófica também mobiliza imagens e fragmentos para pensar a experiência histórica e a memória. Desse modo, em “Legado”, a escrita poética configura-se como espaço de elaboração da experiência e de questionamento acerca daquilo que poderá resistir ao tempo.

Além disso, a voz poética do poema não idealiza que sua poesia, partindo da análise de que o poema fala sobre a própria poética e o percurso literário de Drummond, poderá atravessar tempos, “vencer” a transitoriedade e permanecer enquanto obra-viva, mas sim coloca-se em uma situação não-transparente, regado do que é esfumado, assim como o título do livro, uma antítese na combinação das palavras “claro” e “enigma”. Nesse sentido, Drummond constrói o poema em um alicerce opaco, do sem rumo, sem exatidão prevista, vivendo “entre o talvez e o se”, a possibilidade não idealizada como possível, mas sim como um obstáculo e uma, provável, falta de glória e uma herança rasa.

Ainda vale lembrar de mais um resgate, o mundo, tão presente nas obras drummondianas. Inclusive, rememorando o texto de Wisnik (2005), é interessante pensar que o que está escrito em “Legado” pode até duvidar do tanto que a poesia atravessa o mundo e é atravessada por ele, mas o pesquisador nos diz que: “A poesia,

transportada pela sua própria negação, se dá no lugar onde ela se diz não estar, estando” (Wisnik, 2005, p. 16), pois há toda uma movimentação da literatura em três estágios: a produção, a circulação e a recepção. Então, tal “lugar” mencionado por Wisnik vai sendo construído, é móvel, não linear, tanto a obra em si é revista, reescrita, reinventada, como também a recepção é outra.

Em diálogo com as propostas de Italo Calvino, na conferência sobre a multiplicidade em Seis propostas para o *próximo milênio*, ele defende a obra literária como sistema aberto, cuja riqueza se intensifica na medida em que estabelece conexões internas e externas, formando uma rede de sentidos que ultrapassa seus próprios limites. Essa perspectiva é particularmente produtiva para a leitura de “Legado”, de Carlos Drummond de Andrade, pois a multiplicidade do poema se evidencia sobretudo na recepção: ao tematizar a herança poética e a permanência da palavra, o texto rememora motivos recorrentes da lírica drummondiana, convocando o leitor a estabelecer diálogos com outros momentos de sua obra.

Nesse caminho, a leitura de “Legado” não se esgota em seus versos, mas se expande em direção ao conjunto da produção do autor, funcionando como nó em uma rede intertextual interna, indo ao encontro da *multiplicidade* quando Calvino nos diz que a literatura do século XX “traz a ideia de uma enciclopédia aberta” (Calvino, 1990, p. 131). Desse modo, a multiplicidade não se restringe à estrutura do poema, mas se realiza no gesto interpretativo que o articula a outras composições drummondianas, confirmando a noção de literatura como constelação de textos interligados e permanentemente reatualizados pela leitura.

Tal perspectiva torna-se ainda mais evidente quando Carlos Drummond de Andrade retoma, em “Legado”, um dos elementos mais emblemáticos de sua própria trajetória poética: a “pedra” de “No meio do caminho”. No último terceto, ao afirmar que “De tudo quanto foi meu passo caprichoso/ na vida, restará, pois o resto se esfuma,/ uma pedra que havia em meio do caminho”, o poema estabelece uma relação dialógica intra-autoral que ultrapassa a simples referência a um texto anterior. Em “No meio do caminho”, a pedra figurava como obstáculo insistente, elemento de interrupção e permanência na memória; já em “Legado”, sua reaparição adquire um caráter retrospectivo e metapoético, pois a pedra transforma-se naquilo que permanecerá da própria obra do poeta. Assim, ao visitar um dos poemas mais marcantes de sua produção, Drummond converte a antiga imagem do impasse em signo de permanência

literária, refletindo sobre quais marcas de sua trajetória resistirão ao tempo e ao esquecimento.

Ademais, Drummond, ao passo que, em um dos poucos momentos do poema, fala sobre o capricho, ou seja, reconhece o brilho, nem que mínimo, de seus trabalhos, também envolve o leitor no esfumaçado, no que vai se perdendo, no que se esconde e não está à vista. Ainda assim, é possível notar o tom de criticidade do autor ao trazer, em vez do verbo “tinha” e da combinação de preposição “no”, reescreve com “havia” e “em”, pois um dos centros da crítica do poema era o uso mais coloquial da linguagem, que estaria fora da norma culta padrão.

Para além de retomadas dentro do universo poético drummondiano, “Legado” também retoma o mito de Orfeu, aquele que perde a harmonia ao perder sua amada, Eurídice, por duas vezes e, uma delas, para sempre. No ensaio “Entre o talvez e o se” (2003), a pesquisadora Susana Souto reelabora e relaciona o mito na poética do modernista, sobretudo pensando no rompimento da harmonia do mundo na figura de Orfeu, o qual representaria a poesia, o canto, a música, a arte. Sendo assim, o sentimento de “desacreditar” presente entre a combinação do terceiro verso do segundo quarteto (“Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu”) e do primeiro verso do primeiro terceto (“Não deixarei de mim nenhum canto radioso,”) reflete a lógica da experiência versus informação pautada por Benjamin (1987), a celeridade e o sentimento de esquecimento diante da grande massa, possivelmente, a indústria.

Nesse sentido, “Legado” não constrói propriamente uma descrença absoluta na permanência da poesia, mas uma reflexão acerca daquilo que resiste ao tempo em meio ao apagamento das experiências e da própria vida. Ao afirmar que “o resto se esfuma”, o eu lírico reconhece a transitoriedade da existência e a fragilidade das realizações humanas; contudo, permanece “uma pedra que havia em meio do caminho”, retomada de um dos poemas mais emblemáticos de Carlos Drummond de Andrade. Assim, a pedra deixa de funcionar apenas como imagem do obstáculo, como ocorria no poema anterior, e passa a constituir um vestígio da própria permanência literária do poeta. Desse modo, a retomada intra-autoral sugere que, mesmo diante da dissolução provocada pelo tempo, a poesia ainda preserva marcas capazes de sobreviver na memória cultural.

A crise órfica, portanto, não reside na perda intrínseca da potência do canto, mas na dificuldade contemporânea de escutá-lo. Em Walter Benjamin, a modernidade é marcada pela substituição da experiência compartilhável pela circulação acelerada da informação,

que se consome rapidamente e logo é substituída por novos estímulos. Nesse contexto, enfraquece-se a possibilidade de uma relação mais duradoura com a linguagem e com a experiência estética, uma vez que o sujeito moderno passa a se relacionar com o mundo por meio de percepções descontínuas e transitórias. Assim, em “Legado”, a dificuldade de permanência do canto poético relaciona-se não à incapacidade da poesia de produzir sentido, mas às próprias condições modernas de recepção, atravessadas pela rapidez, pela dispersão e pela dificuldade de elaboração da experiência.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, o poema evidencia um diálogo crítico com a tradição poética, em que a retomada de formas mais regulares de organização do verso não se configura como adesão a um modelo estético específico, mas como procedimento de reflexão sobre o próprio fazer poético. Em “Legado”, esse movimento não indica retorno a uma poética normativa, mas antes a incorporação irônica e consciente de recursos formais consagrados pela tradição, agora reorganizados sob uma perspectiva modernista marcada pela autorreflexividade e pela tensão entre permanência e reinvenção. Assim, a forma não aparece como simples ornamento, mas como parte integrante de uma escrita que problematiza o próprio estatuto da poesia e do legado literário.

Contudo, esse diálogo com formas mais regulares de organização do verso não se reduz a um exercício técnico ou a uma reaproximação da tradição, mas se integra a um movimento mais amplo de reflexão sobre a própria trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade. Em “Legado”, a escrita se volta para si mesma, instaurando um processo de autorrevisão em que memória, tradição e linguagem se entrelaçam na construção de um olhar retrospectivo sobre a obra. Nesse percurso, elementos simbólicos e referências culturais diversas, como ecos da mitologia, não funcionam como ornamentação, mas como parte de uma rede de sentidos que evidencia o caráter intertextual da poesia drummondiana.

Portanto, “Legado” não se orienta por uma ideia de unidade estática ou de conclusão definitiva da obra, mas por uma dinâmica de tensão entre retomada e reinvenção ao longo da trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade. Ao visitar imagens e procedimentos já consolidados em sua produção, o poema desloca a noção de permanência da fixidez de um suposto “monumento literário” para um processo

contínuo de atualização interpretativa, no qual a obra se mantém viva justamente por sua capacidade de ser relida e ressignificada.

Nesse movimento, a imagem da “pedra”, retomada de um de seus poemas mais conhecidos, não opera como encerramento simbólico, mas como vestígio de permanência que atravessa a própria trajetória do poeta, reinscrevendo o passado no presente da leitura. Assim, o poema evidencia que a força de sua poética não reside na estabilidade de sentidos, mas na abertura ao deslocamento interpretativo, em que obra, leitura e memória cultural se articulam continuamente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política - O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 1 ed.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985

ELIOT, T. S. **Poesia**. 2. ed. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004. (Obra completa, v. I).

SILVA, Susana Souto. **Entre o talvez e o se**. Leitura - Literatura e Utopia, n. 32, p. 227-237, 2003.

WISNIK, José Miguel. **Drummond e o mundo**. 2005. Disponível em:<https://artepensamento.ims.com.br/item/drummond-e-o-mundo-drummond/>. Acesso em: 05/02/2026